

# Cartografias da negritude: as literaturas africanas e a negro-brasileira em trânsito

Danielle da Silva Leal  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
[danielle.sleal@gmail.com](mailto:danielle.sleal@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-6655-4039>

Hanny Saraiva Ferreira  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
[hannysaraiva@gmail.com](mailto:hannysaraiva@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0006-0063-9826>

O dossiê nº 48, intitulado “Vozes insurgentes: literaturas negro-brasileira e africanas em evidência”, é um encontro de saberes que trazem para os estudos da literatura contemporânea a potência das literaturas negro-brasileiras, africanas, afrofuturistas e afrodiaspóricas, além de estudos sobre narrativas femininas de autoria negra.

É preciso ressaltar a importância da descolonização mental e seu embate contra os processos de dominação simbólica de nossas mentes. Sendo a literatura raiz de imaginários de sentido, os artigos dessa edição defendem as negritudes e/ou africanidades como valor, em que descolonizar a imaginação, o conhecimento e formação acadêmica (Ramos, 2023, p. 13) é tarefa fundamental para combater uma ontologia monorracial e os projetos coloniais epistemicidas, além de promover abordagens afrocêntricas como suleadoras das narrativas.

Autores como Ngugi wa Thiong’o, Chimamanda Ngozi Adichie, Luís Silva Cuti, Leda Maria Martins e Lívia Natalia Souza representam práticas negras que desafiam o imaginário colonial e promovem a descolonização do pensamento. Essas vozes literárias insurgentes reivindicam o poder da palavra escrita como forma de (r)existência e afirmação cultural, combatendo estereótipos e histórias que marginalizam a identidade negra. Assim, nesse dossiê pesquisadoras e pesquisadores refletem, em suas produções, esse cenário de vozes insurgentes, buscando construir um campo mais plural e representativo na literatura e na crítica contemporânea, valorizando as conexões entre África e suas diásporas, suas memórias, identidades e culturas.

A professora e pesquisadora Aza Njeri pontua que

perceber as estratégias que nossos ancestrais utilizaram para que nós chegássemos até ao tempo presente é um caminho Sankofa. É, sobretudo, para que possamos reivindicar a existência de um amanhã. É uma responsabilidade de nós, ancestrais do tempo presente, garantir a ancestralidade que virá no futuro. Para que, quando formos ancestrais, darmos eco ao movimento de Sankofa para o tempo de agora (Njeri, 2023, p. 31).

Assim sendo, é responsabilidade do presente positivar a vida, perseverar, ganhar fôlego e esperar. A criatividade, a inovação e a inventividade sempre estiveram presentes nas práticas negras artísticas, e é preciso ressaltar a necessidade de haver sopro de esperança para se pensar os elementos coloniais para além do fenômeno colonial.

De acordo com Cuti, “os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira” (2010, p. 87). Visto isso, é preciso mergulhar nos diálogos dessas pesquisas e suas práticas de desvio. É preciso educar, curar e inspirar para que a memória nos traga sonhos e permita nos inserir para modificar. E com afirma Conceição Evaristo, “essa inserção para mim pedia a escrita” (2020, p. 53).

A literatura como um ambiente ético, empoderado e imbuído de respeito, práxis contracolonial, nos entrelaça como um grande baobá – ponto de encontro para se compartilhar a vida, histórias e memórias.

Os textos a seguir buscam disseminar estratégias para outras formas de compor o corpo negro, muitos trazem a síncope como mote, mas sempre com uma repetição diferente, outros defendem a base contracolonial e/ou decolonial, aqueles que se diferem por observar na literatura uma luta contra comportamentos coloniais.

Nesta edição, há seis artigos versando sobre a vasta obra de Conceição Evaristo. Ademais, três artigos dissertam sobre o trabalho da escritora brasileira e outras como Chimamanda Ngozi Adichie, Jarid Arraes e Dina Salústio, por meio do comparativo nas temáticas do feminino, das questões afrodiáspóricas e interseccionais, exemplificando-as como referências de renovação e mudança social.

No artigo “Dor, Micropoder e Resistência no conto de *DuzuQuerença*, de Conceição Evaristo”, Valmir Lobato Leal e Nathalia da Costa Cruz analisam o conto de Evaristo e suas relações de micropoder, controle social e subjetividades, destacando as dinâmicas de opressão e resistência manifestadas na vida cotidiana dos personagens e como a exclusão social e a pobreza retratadas contribuem para a manutenção do sujeito subalternizado.

Em “Homens negros em *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo”, Luana Gabriela Paslawski investiga o romance pelo viés da crítica feminista negra usando como base bell hooks (2022) e Lélia Gonzalez (2020). O estudo busca observar como as opressões de gênero, classe e raça afetam os personagens masculinos negros, impedindo-os de serem livres. Ao retratá-los como violentos e hipersexualizados, os homens negros no romance internalizam isso e reproduzem práticas sexistas, nos mostrando a importância de se repensar o modelo de masculinidade vigente.

Em “Qual é a cor da poesia de Conceição Evaristo?” Jefferson Silva do Rego investiga o empoderamento da mulher negra, por meio da análise de dois poemas: “Eu-mulher” e “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo, considerando a posição da mulher negra na vida social do Brasil contemporâneo.

No artigo “Do barro e do corpo: a travessia das personagens femininas de Conceição Evaristo”, Andréa Leitão estabelece um diálogo interpretativo entre as protagonistas da obra *Ponciá Vicêncio* (2003) e do conto “Luamanda”, de *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo. A autora analisa as trajetórias das personagens femininas que oscilam entre os valores da hegemonia branca e o legado da ancestralidade negra.

Em “Falar de nós, escrevendo a vida: escrevivência, memória e a (re)escrita da favela em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo”, Leonardo Júnio Sobrinho Rosa investiga a obra *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo observando o conceito de escrevivência como instrumento criativo que busca elaborar novos sentidos para experiências individuais e coletivas para além do que está registrado em arquivos ou na memória.

No artigo: “Macabéa, flor de Mulungu: a reescrita de Conceição Evaristo”, Daniela Severo de Souza Scheifler analisa como, através da linguagem e do conceito de ‘escrevivência’, Evaristo constrói a subjetividade de Macabéa e a faz ressurgir a partir do seu lugar de subalternidade.

Em “Conceição Evaristo e Jarid Arraes: escritas de resistência”, Sandra Alves da Silva investiga como a literatura tem sido uma ferramenta de emancipação para mulheres negras, focando na representação dessas mulheres e em narrativas que desafiam estruturas racistas e patriarcais, buscando compreender como as obras dessas autoras usam a interseccionalidade, a escrevivência e a poesia do cordel como resistência.

No artigo “Vozes-mulheres: o feminino em Conceição Evaristo e Dina Salústio”, Poliane Vieira Nogueira versa sobre a pluralidade do feminino na obra *Olhos d’água* e

*Mornas eram as noites*, da caboverdiana Dina Salústio, considerando suas semelhanças, histórias e vivências.

No texto “Autoras Diaspóricas: um diálogo possível entre Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie”, Alessandra Barbosa Adão analisa as conexões entre a Diáspora Africana, a Amefricanidade e os Estudos Culturais pós-coloniais para compreender os projetos políticos e literários dessas autoras. Ao privilegiar suas vozes, elas desafiam e abalam o sistema mundial, mostrando os possíveis diálogos, tensões e impactos dessas obras como referências de resistência e transformação social.

Dentro do contexto negro-brasileiro, temos artigos que perpassam pela obra de Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz. Além do artigo que versa sobre o panorama literário de escritoras negras das últimas duas décadas.

Em “Desenterrando significados na obra contística de Lima Barreto: o conto *O Cemitério* à luz da análise de discurso crítica”, Cristiano Oliveira Mello nos apresenta o conto de Barreto, à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC), refletindo sobre os elementos usados pelo autor e seus respectivos significados, como as críticas e denúncias sociais construídas ao longo da narrativa e ao período vigente.

No artigo, “Carolina Maria de Jesus entre o quarto de despejo e a sala de visita”, de Susana Cristina Ferreira Fernandes, temos uma análise dos livros *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria volume 1: Osasco*, de Carolina Maria de Jesus, levando em consideração os lugares nomeados pela autora e os espaços sociais frequentados pela mesma. Embora seu sucesso lhe permitisse entrar na alta sociedade de São Paulo, o racismo generalizado fez com que esse sucesso fosse breve, fazendo-a viver na fronteira da “sala de visitas” e o “quarto de despejo”.

Em “A gramática como sintoma, o *pretuguês* como cura: o real e a fantasia na literatura afro-diaspórica”, Lara Carvalho Cipriano enfatiza a subjetividade e a criação poética de Carolina de Jesus, à luz da interpretação sociológica e descolonial e a interpretação psicanalítica, além do conceito de *pretuguês* de Lélia Gonzalez.

Já em “Melancolia e banzo em *Um defeito de cor* – uma análise da trajetória de Kehinde”, Gabriel Viruez da Silva examina a representação da melancolia e do banzo e suas interseções no livro afro-brasileiro *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, em especial na personagem de Kehinde. O artigo se baseia nos estudos sobre banzo de Oliveira Mendes (2007), Oda (2008) e Kananoja (2018). Além de abordar luto e melancolia sob as perspectivas de Freud (1917) e Judith Butler (2017).

Em “A escrita de Eliana Alves Cruz contra a onda do silenciamento: uma proposta didática”, Carlos Henrique Fonseca apresenta uma proposta pedagógica de leitura e discussão do romance *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, como ferramenta pedagógica em turmas do 2º ano do Ensino Médio, com o objetivo de estimular reflexões críticas sobre memória, racismo e diáspora africana.

No artigo “Um novo sistema literário se consolida: Uma análise das obras de escritoras negras entre 2003 e 2023”, Virgínea Novack e Gabriel Chagas analisam o período entre 2003 e 2023, sugerindo que houve nessas décadas a consolidação de um novo sistema literário de mulheres negras no Brasil.

No que diz respeito a escritores e escritoras africanos, temos nesta edição artigos que atravessam territorialidades: Angola, Zimbábue e Moçambique.

Em “Uma encruzilhada de civilizações e culturas: as múltiplas subjetividades que constroem Angola em *Abel e Caim* e *Ngola Kiluanje*, de João Melo”, Mariane Pereira Rocha observa nesses dois contos, encontrados no livro *Filhos da Pátria* (2008), a identidade do povo angolano, mostrando a diversidade cultural do país e as diversas e múltiplas experiências de seus habitantes, reflexo de várias culturas diferentes, resgatando elementos dessas culturas pré-colonização. Francisco Noa, Frantz Fanon, Ngũgĩ wa Thiong’o e Rita Chaves são basilares para a compreensão do processo.

Em “Nação, narrativa e memória traumática: para uma interpretação pós-colonial da trajetória afrodiáspórica no romance *Os Pretos de Pousaflores* (2023) de Aida Gomes”, Peilin Yu analisa o romance *Os Pretos de Pousaflores* (2023) de Aida Gomes através de uma perspectiva pós-colonial, examinando questões fundamentais presentes na obra, como o Estado-nação, a narrativa e as memórias traumáticas.

No artigo, “*Aconteceu em Saua-Saua*, de Lília Momplé: por “entre-lugares” de opressão e resistência”, Tayane Fernandes dos Santos analisa as contradições entre opressão e resistência que a narrativa suscita, tendo como chave-teórica os estudos pós-coloniais, focando no conceito de “entre-lugar”, discutido pelo crítico indiano Homi Bhabha (1998).

Já em “Colapso da subalterna educada em *Condições Nervosas*, de Tsitsi Dangarembga”, Jhonnata dos Santos Nogueira da Conceição investiga as formas de subalternidade e as personagens femininas no contexto colonial e patriarcal do Zimbábue, entre 1960 e 1970, contribuindo para uma leitura crítica das interseções entre literatura, colonialidade e subjetivação.

Dentro das narrativas poéticas temos 5 artigos que contextualizam ora a poesia negro-brasileira, ora a poesia cubana e afro-hispânica.

Em “O racismo cotidiano e a poética decolonial em *Navio negreiro*, de Maria Duda”, a análise da coletânea *Navio Negreiro* (2019) é apresentada por um viés decolonial, verificando como a estratégia discursiva e poética da slammer Maria Duda nos convoca para uma luta antirracista. Thaís Feitosa de Almeida busca compreender como a produção poética da artista auxilia na defesa dos processos de ser, saber e sentir das culturas de matriz africana, libertas do olhar ocidental.

No texto, “Fragmentos de uma escrivivência poética: discriminação racial nas relações de trabalho, confronto ao epistemicídio e ancestralidade afrodiáspórica em Juliana Sankofa”, Rafael Lucas Santos da Silva apresenta quatro poemas de Juliana Sankofa — “Sutileza”, “Anúncio”, “Não mirem na cabeça” e “Corpo-África” — refletindo sobre os recursos poéticos e as estratégias discursivas, abordando as relações de trabalho, o epistemicídio e a ancestralidade afrodiáspórica.

No artigo, “À escuta do grito do tambor: um breve estudo da poesia de Carlos de Assumpção”, Vinícius Rangel Bertho da Silva analisa alguns poemas do poeta brasileiro e seus elementos estilísticos que aludem o preconceito racial e os valores culturais relacionados à ancestralidade via imagem do tambor.

Em “Por uma epopeia caribenha: “a volta ao lar” em *Omeros*, de Dekek Walcott”, Douglas Francisco Viturino de Cillo realiza um estudo de caso da obra *Omeros*, de Derek Walcott, como uma recepção moderna, que dialoga com representações da obra clássica *Odisseia*, de Homero.

No artigo, “Entre o Afropessimismo e o Afrofuturismo: vozes da poesia afro-hispânica que ecoam formas outras para lidar com os (nossos) tempos”, Phelipe de Lima Cerdeira e Caroline Azevedo Ferreira da Silva propõem o cotejo entre dois poemas de poetas afro-hispânicos, *Cuando yo vine a este mundo* (1947), de Nicolás Guillén, e *Un mundo sin miedo* (2007), de Shirley Campbell Barr.

No que diz respeito às infâncias, há nesta edição dois artigos: um que versa sobre a experiência afrodiáspórica e outro que questiona a beleza no imaginário infantil em uma perspectiva antirracista.

Em “Oxum e Branca de Neve no espelho da Literatura Infantojuvenil”, Rejane Dirques, numa perspectiva antirracista, observa os contos “Oxum e seu mistério” – do livro *Omo-Oba História de Princesas*, da escritora Kiusam de Oliveira – e “Branca de Neve” – dos irmãos Grimm, comparando o conceito de beleza presente nas obras, sob

diferentes perspectivas, analisando também o paradigma de princesa e o imaginário infantojuvenil.

No artigo, “Uma infância negada: considerações sobre a violência diaspórica em corpos infantis e juvenis no romance *Adua* (2018), de Igiaba Scego”, há uma análise acerca das personagens infantis e juvenis no romance e como elas vivenciam a experiência diaspórica. Discutindo diferentes formas de opressão enfrentadas pelas personagens de Scego, Natacha dos Santos Esteves e Wilma dos Santos Coqueiro usam algumas teorias sobre imigração, exílio e a dominação masculina sobre os corpos femininos para abordar temas como a imigração em busca de melhores condições de vida, a fuga de conflitos políticos e o tráfico sexual infantil.

Além dos textos supracitados, as entrevistas que compõem o presente dossiê abordam questões relacionadas à literatura feminina de autoria negra e ao afrofuturismo, bem como a discussão de gênero e as masculinidades negras.

Esperamos, por fim, que a leitura dos textos aqui reunidos seja enriquecedora, uma contribuição para ampliar as reflexões contemporâneas e inspirar novas pesquisas sobre as literaturas negro-brasileira e africanas, fomentando debates significativos e estimulantes para a área.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NJERI, AZA. “Aza Njeri”. In: CARNEIRO, Natália. *Raízes e asas: memória para autonomia negra*. São Paulo: Oralituras Editora: Fundação Rosa Luxemburgo: Casa Sueli Carneiro, 2023.

RAMOS, Guerreiro. *Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

**Danielle da Silva Leal:** possui graduação em Letras – Português/Literaturas pela UERJ, especialização em Literatura Brasileira pela UERJ e mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ. É doutoranda em Literatura Brasileira pela UERJ. Sua pesquisa tem como foco a produção literária de Eliana Alves Cruz. É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas de Mulheres Negras como campo de investigação e universo estratégico para o enfrentamento do racismo institucional no SUS” da Fiocruz.

**Hanny Saraiva Ferreira:** possui graduação em Letras – Inglês/Literaturas pela UERJ, especialização em Editoração – Mercado do livro pelo IUPERJ/UCAM e mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Continente Africano e as Afro-diásporas – LEPECAD/PUC-Rio, onde pesquisa ficção especulativa e afrofuturista. Autora de quatro livros de ficção, é integrante do Coletivo Escritoras Asiáticas & Brasileiras.